

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

O lança-perfume

12.3.65

O bom senso manda elogiar o ato do Presidente da República proibindo o fabrico, a venda e o uso de lança-perfume. Dava muita alteração. O pessoal tomava *prises* demais. (No meio desse pessoal fica entendido que estava eu também, embora moderadamente, até uns anos atrás; ultimamente parei, não por virtude, mas porque, quando cheirava o éter, meu coração batia com um ruído incômodo.)

Fêz bem o Presidente. Mas, que pena! O cheiro do lança-perfume fazia parte de nosso carnaval. Era um elemento essencial da festa dos sentidos; e o jato da bisnaga era também um meio de comunicação entre o rapaz tímido e a môça bonita, era convite e homenagem, era brincadeira e carinho. Sem êle o carnaval já não é o mesmo.

Não estou protestando contra a medida, mas deixando aqui uma palavra de adeus comovido ao bom lança-perfume de outrora, desde a bisnaguinha de vinte gramas até o rôdo metálico de cem. Pois, na verdade, era bom.

O caso Aragão

A Revolução vai fazer um ano no fim do mês, e já era tempo de cessar alguns abusos primários, desculpáveis nos primeiros tempos. Seja qual fôr o que a Revolução entenda por Direito, o que todos reclamam é a normalidade jurídica.

Do u um exemplo. Seria lícito (embora lamentável) que o atual Governo do Brasil negasse o direito de asilo. O que não é decente é reconhecer oficialmente esse direito, ratificar a Convenção que o disciplina e negar o salvo-conduto ao ex-Almirante Aragão. Não conheço esse senhor nem tenho nenhum interesse especial em sua pessoa. O fato é que nosso Governo não tem nenhuma desculpa válida para negar seu salvo-conduto. Perseguido por motivos políticos êle se refugiou numa embaixada. Sua permanência lá, ao cabo de tantos meses, é uma prova de que o Governo não está honrando sua palavra no plano internacional.

12.3.65

Alega-se de que tais ou quais militares são contra a partida do refugiado. Essa alegação não honra o Governo; é, para não dizer mais, deprimente e desmoralizante para o Chefe Supremo das Forças Armadas, que é o Presidente da República, sem falar no Min. do Exterior e no Ministro da Justiça. Lá fora ninguém quer saber se o nosso Governo age por fraqueza ou por capricho; o que todos vêem é que ele age sem respeito à sua própria palavra, ao seu próprio compromisso.

Diante de um caso desses é bem difícil "explicar a Revolução" — pelo menos em voz alta.

João Ternura

Mais de trinta anos depois de começado, apareceu, afinal, o romance *João Ternura*, de Aníbal Machado, em uma edição carinhosamente feita por José Olímpio.

Não será a melhor obra de Aníbal, mas é a mais Aníbal, é o próprio Aníbal, lírico e nada vulgar, reagindo perante o Brasil e a vida. Seu parentesco literário mais sensível é com Osvaldo de Andrade; só agora percebo que os dois serão estudados no mesmo capítulo da *História da Literatura Brasileira*. O livro é uma aventura, às vezes surrealista, da inteligência e da sensibilidade em um mundo em transformação. Pergunto-me, um pouco perplexo, como ele será lido pelas pessoas que não conviveram com Aníbal; para nós, que sofremos sua influência, qualquer juízo está sujeito a distorções afetivas. Direi apenas que sua primeira leitura me comoveu, e deixarei passar algum tempo para fazer uma segunda.